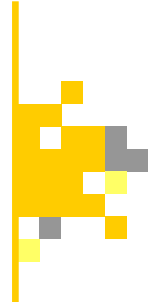


ENTREVISTA

Êça Pereira da Silva

(Doutora em História Social, Professora,
Universidade Federal do Tocantins)



Sobre a entrevistada

Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado 2005), mestre (2009) e doutora (2016) em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

Pesquisa História Latino-Americana Contemporânea, atua principalmente nas áreas de história política, cultural, intelectual e militar. Co-editora da Revista Antígona (UFT) e membro da Editoria de Dossiês da Revista Esboços (UFSC).

Atualmente pesquisa a integração da Pan-Amazônia pela imprensa. Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro do GEGAL (Grupo de Estudos Globais e da América Latina).

ORCID: 0000-0001-9924-7983

Lattes: 8817987296767214

E-mail: ecapereira@uft.edu.br

1 - Os movimentos de extrema direita que emergiram no Sul e Norte Global são marcados por diferenças significativas. Mas há particularidades e nuances de ambas as experiências. Quais são as semelhanças e diferenças?

Êça Pereira da Silva – Em primeiro lugar devemos perceber que estes movimentos não são exatamente novos, são frutos de mudanças intensas no capitalismo e nos meios de comunicação de massas, da mesma forma que foram os movimentos de extrema direita que surgiram nos idos das décadas de 1920 e 1930. Começamos pelas semelhanças entre as experiências contemporâneas entre o Sul e o Norte: em todas elas encontramos grupos articulados (e que se apropriam de maneira muito rápida) dos novos meios de comunicação de massas, onde as mensagens fluem em grupos e quaisquer questionamentos podem ser evitados, excluídos ou cancelados. Além disso, há também alguma relação religiosa, sempre com alguma

vertente do cristianismo (veja a expansão das igrejas evangélicas no terceiro mundo e mesmo entre setores latinos nos EUA, a direita francesa e sua relação com o catolicismo). Uma terceira semelhança seria o apelo nacionalista, mais pautado em questões culturais (como se pudesse existir alguma cultura “pura” numa espécie animal que se espalha pelo planeta há milhões de anos), porque nas econômicas, algumas manifestações desta extrema direita se dizem liberais (como no caso do Brasil), mas na verdade não possuem nenhum tipo de orientação teórica, pensam apenas em vantagens privadas, é a verdadeira encarnação do caráter destrutivo que Walter Benjamin descreveu. Ademais, estes movimentos crescem numa parcela da classe média que se vê ameaçada de cair na pobreza e na miséria, pela instabilidade dos trabalhos mal remunerados e atizada por uma imprensa com um discurso puritano como se a atividade política fosse algo essencialmente corrupto. Quanto às nuances (prefiro este termo à diferenças, que neste caso não são tantas): no norte global, estes movimentos de extrema direita se organizam contra a recepção dos imigrantes, principalmente aqueles oriundos de países muçulmanos afetados pelas guerras financiadas pelos países ricos. No entanto, esta xenofobia atinge de outras formas filhos e netos de emigrados dos anos de 1960-1970, o exemplo francês aqui é emblemático: a tradição republicana assimilacionista (isso é,

educar estes imigrantes e seus filhos em escolas francesas para que se tornem cidadãos franceses) demonstra limitações, como no caso do jovem que recentemente foi assassinado pela polícia numa abordagem, motivando dias de manifestações. Claro, nos países do sul global, a direita também tem críticas a entrada dos emigrantes (como no caso dos venezuelanos no Brasil ou na Colômbia) mas esta não é uma das suas principais bandeiras. Nos países do sul global, a extrema direita defende de maneira mais enfática a pauta de exploração do que chamam de “recursos estratégicos” (minerais, petróleo, etc.), estejam onde estiverem, ameaçando povos indígenas e colocando em risco o tênue equilíbrio climático do planeta. Claro, contam com o apoio das extremas direitas do Norte, mas aqui as ações são mais gritantes.

2. Qual é o marco ou os marcos determinantes do surgimento das direitas radicais?

ÊPS – Historicamente a ascensão destes movimentos está ligada à falência dos Estados como garantidores do contrato social. A Itália dos anos 1920 mudou de lado na 1ª Guerra e na hora do butim dos vencedores foi ignorada; na Alemanha houve o acúmulo do impacto do tratado de Versalhes e dos efeitos da crise de 1929, e em meio à miséria generalizada, a população apostou no anti-sistema. No século XXI a situação que se

coloca é de uma globalização que, desde o final dos anos 1980 destrói as garantias mínimas da classe trabalhadora para que grandes empresas acumulem cada vez mais capital. A concentração de riqueza no mundo é absurda. Aqui na América Latina observamos a aceleração da desindustrialização, a reprimarização das economias, a diminuição de postos de trabalho. Ao que um liberal poderia responder que tais postos serão “substituídos”, será? Isso não é certo, ademais há uma preocupação para o agora, o que fazer com a massa de subempregados e desempregados. Dado o volume de riqueza gerado no planeta urge pensar em sistemas de renda universal e não necessariamente atrelados à exploração em trabalhos precarizados. Então, pensado em marcos, eu colocaria o “consenso de Washington” em 1989 como um marco de destruição do Estado. Outros dois marcos, mais vinculados às ideias são o livro de Samuel Huntington Clash of civilizations (1996) no qual analisa as sociedades humanas como “civilizações em disputa”, sendo que a relação entre elas seria necessariamente de enfrentamento por questões de valores e recursos. Dado o fato deste autor ser um dos principais intelectuais do Partido Republicano nos EUA, isso explica muito sobre o sentimento anti-islã, o anti-eslavo e anti-chinês cada vez mais presente nos países do capitalismo central. Outra referência no campo das ideias é o livro de Francis Fukuyama The end of History and

the last man (1992), no qual o autor, também conselheiro dos EUA, proclamou o fim da história com o fim da guerra fria, e a vitória do capitalismo e do mercado sobre outras formas de organização produtiva. Do ponto de vista dos eventos eleger marcos é sempre muito complicado, mas podemos mencionar aqui alguns indícios iniciais ainda nos anos 1990, o que se tornou notório no início do XXI: o movimento Tea Party nos EUA, O Plano Colombia (1999), o fortalecimento da Frente Nacional na França (que foi ao segundo turno contra Chirac na década de 1990) entre outros.

3. Há ou não há compartilhamentos de estratégias, estilos e Discursos entre os líderes de extrema direita?

ÊPS – Sim, claro que há. E isso fica evidente no uso das redes sociais, nas referências visuais e estratégias. O comportamento destes grupos durante a pandemia de Covid-19 deixou isso muito evidente: a negação e a culpabilização da China foram estratégias adotadas por alguns destes movimentos de extrema direita. O apelo à frustração da classe média apontando um culpado que é sempre um outro identificável e estereotipado.

4. Afinal, qual a expressão mais correta e adequada para definir esse movimento: populismo reacionário? Fascismo pós-moderno? Neofascismo?

ÊPS – O termo populismo foi tão banalizado pela imprensa e esvaziado de significado sendo utilizado para qualquer líder político com apoio popular. De modo que, neofascismo, ao utilizar o prefixo “novo” marca ao mesmo tempo a relação de proximidade conceitual e diferença temporal dos fascismos dos anos 1920 e 30

Entrevistadores: José Renato Ferraz da Silveira e George Leonardo Seabra Coelho